

RELACIONAMENTOS AMOROSOS NA CONTEMPORANEIDADE: ENTRE TRANSFORMAÇÕES E DIFICULDADES NA MANUTENÇÃO DOS VÍNCULOS

Gustavo Sartori Sales Gabriel¹

Maria Rita Alves Dalledone²

Nathalia Goedert³

Joyce Kelly Pescarolo⁴

RESUMO

O presente artigo tem como interesse compreender o estatuto dos relacionamentos amorosos nos dias atuais, a partir de uma interface entre a Psicologia Social e a Psicanálise com os objetivos de compreender as principais mudanças ocorridas nos relacionamentos amorosos no último século, de que forma essas mudanças impactaram nas subjetividades dos indivíduos e como foram percebidas, assim como as principais dificuldades na construção e manutenção de relações amorosas. A pesquisa realizada teve como enfoque metodológico o estudo qualitativo e exploratório, buscando compreender e interpretar determinados comportamentos, opiniões e expectativas dos indivíduos entrevistados. Ao longo da pesquisa pode-se entender que os entrevistados percebem as novas mudanças como positivas, contudo compreende que o número de entrevistas e diferenças de idades são fatores que devem ser considerados para não universalizar o resultado. De modo geral a pesquisa pode compreender como os sujeitos avaliam as transformações nos relacionamentos na contemporaneidade.

Palavras-chave: Relacionamentos Amorosos. Contemporaneidade. Amor Confluyente e Amor Líquido.

¹ Aluno do 8º período do curso de Psicologia da FAE Centro Universitário. Bolsista do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC 2018-2019). *E-mail:* gussales94@gmail.com

² Aluna do 8º período do curso de Psicologia da FAE Centro Universitário. Voluntária do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC 2018-2019). *E-mail:* mrdalledone@gmail.com

³ Aluna do 8º período do curso de Psicologia da FAE Centro Universitário. Voluntária do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC 2018-2019). *E-mail:* goedert.nathalia@gmail.com

⁴ Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professora da FAE Centro Universitário. *E-mail:* joyce.pescarolo@fae.edu

INTRODUÇÃO

O presente artigo é resultado de uma pesquisa realizada a partir de um projeto de iniciação científica que teve como objetivo compreender o estatuto dos relacionamentos amorosos na atualidade, analisando quais as principais mudanças ocorridas nos laços afetivos no último século, de que forma essas mudanças impactaram nas subjetividades dos indivíduos, como foram percebidas por eles e quais as principais dificuldades sentidas pelos indivíduos na construção e manutenção de relações amorosas.

A pesquisa permitiu verificar que a segunda metade do século XX viveu uma verdadeira revolução no que diz respeito aos relacionamentos amorosos. Mudanças substanciais nos papéis sexuais e naquilo que as pessoas esperam de um relacionamento, fez surgir modelos de relações bastante diferentes daqueles vividos anteriormente, baseados na longevidade, na monogamia e na estabilidade das relações independentemente da satisfação trazida nestes relacionamentos. Essas mudanças ora são percebidas pelos indivíduos como positivas e ora como negativas. Porém, também foi possível perceber que há algumas questões que permanecem preservadas nos relacionamentos atuais e nas expectativas sociais e sexuais dos parceiros.

Tomamos como referências para nossa análise um conjunto de autores que versam sobre o tema, mas gostaríamos de destacar três referências bibliográficas principais: “A Transformação da Intimidade: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas”, de Anthony Giddens (1992), “Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos” de Zigmunt Bauman (2003) e os textos de Psicanálise sobre amor e desejo, compreendidos principalmente a partir dos textos sobre o amor de Freud de 1912.

Em um dos seus livros sobre as transformações na intimidade ocorridas na modernidade reflexiva, Giddens (1992) trará uma importante contribuição para pensarmos de que forma as relações amorosas se adequaram às mudanças sociais. Giddens aponta que o século XX foi de certa forma, revolucionário para os relacionamentos. Passando pelo amor sublime, amor cortês e amor romântico, o autor dirá que caminhamos, na atualidade, para o *amor confluyente*⁵.

Para Giddens (1992), a independência econômica e psicológica das mulheres possibilitou que elas ficassem menos reféns de relacionamentos insatisfatórios e que pudessem também definir, juntamente com os homens, os termos das relações.

De certa forma, sobre o mesmo tema, Bauman (2003) parece apresentar uma visão menos positiva dos relacionamentos na atualidade. O autor problematiza a fragilidade dos laços amorosos e sociais e a dificuldade que as pessoas teriam de

⁵ Exploraremos esse conceito mais adiante no texto.

sustentar uma vida a dois na relação com o outro. Parte de suas análises é focada na dificuldade que teríamos de estar em um relacionamento face a face em função das mediações que os recursos eletrônicos passaram a fazer em nossas vidas.

A psicanálise se insere nesse estudo, tanto pela importância que a mesma assumiu desde o início do século XX no que diz respeito à sexualidade e o amor, quanto por ser uma teoria que valoriza questões sociais e históricas. Ao mesmo tempo, a psicanálise contempla aquilo que seria estrutural no ser humano, imutável, independente do período histórico em que se está inserido. Segundo Alonso & Fuks (2014, pág. 247), a teoria psicanalítica “rompe com o determinismo ‘naturalista’, sem por isso se converter em sociologia” não coincidindo nem com as determinações biológicas e nem com as culturais, “mas que inclui ambas e também um ‘entre elas’”.

O projeto contou com três alunos pesquisadores e a professora orientadora e teve como metodologia a realização de entrevistas em profundidade com indivíduos do sexo masculino e feminino, com orientações sexuais distintas e nas diferentes faixas etárias que variaram de 18 a 60 anos. A coleta de dados da pesquisa ocorreu durante o 1º semestre de 2019 e contemplou 10 indivíduos entrevistados (Tabela 1).

A metodologia utilizada para coleta foi a qualitativa, com entrevistas semiestruturadas, as quais estão mais relacionadas ao levantamento de dados sobre as motivações de um grupo, na compreensão e interpretação de determinados comportamentos, a opinião e as expectativas dos indivíduos de uma dada população (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). A pesquisa foi exploratória e portanto não tem o intuito de obter números como resultados, mas *insights* – muitas vezes imprevisíveis – que pudessem indicar o caminho para tomada de decisão correta sobre a questão-problema da pesquisa.

Os resultados serão compreendidos a partir da análise de conteúdos, que conforme apresenta Bardin (2011) é um tratamento das informações obtidas. Se utiliza de “*técnicas de análise das comunicações, com procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens*” (BARDIN, 2011 p.38). O propósito da análise de conteúdo é a dedução baseada na informação de conhecimentos relativos às condições de produção e indicadores qualitativos ou não. A metodologia de pesquisas privilegia a subjetividade individual e do grupo e tem como objetivo verificar o modo que as pessoas consideram uma experiência (CÂMARA, 203).

Para seguir com a análise dos resultados é interessante verificar os dados sociodemográficos gerais dos entrevistados, como idade, escolaridade, estado civil e profissão. Os entrevistados foram identificados como A, B, C, D, E, F, G, H e I. Segue abaixo uma tabela ilustrativa para auxiliar o leitor:

TABELA 1 – Dados sociodemográficos dos entrevistados

Entrevistados	Idade	Sexo	Estado Civil	Nível de Escolaridade	Profissão
A	34 anos	Feminino	Morando junto	Superior Completo	Servidora pública e advogada
B	26 anos	Masculino	Solteiro	Superior Completo	Professor
C	23 anos	Masculino	Solteiro	Superior Incompleto	Professor
D	24 anos	Feminino	Casada	Superior Incompleto	Auxiliar Administrativo
E	23 anos	Masculino	Solteiro	Superior Incompleto	Estagiário
F	39 anos	Feminino	Casada	Superior Incompleto	Empresária
G	54 anos	Masculino	Solteiro	Superior Completo	Marketing
H	52 anos	Feminino	Casada	superior completo	Servidora pública
I	32 anos	Feminino	Casada	Superior Completo	Coordenadora de Projetos

FONTE: Os autores (2018)

1 ALGUMAS MUDANÇAS SOCIAIS NO SÉCULO XX

Giddens (1992) aponta que as principais mudanças vividas nos relacionamentos contemporâneos teriam a ver, em boa parte, com a emancipação feminina. A emancipação social, econômica, emocional e sexual das mulheres, acentuada a partir da década de 70 acarretou uma série de mudanças no cenário público e privado das sociedades ocidentais. As mudanças nos papéis sexuais estão diretamente relacionadas às formas de como se estabelecem os relacionamentos contemporâneos, nos quais o amor romântico e a liberdade sexual tiveram fundamental influência. Esses aspectos também foram encontrados nas entrevistas realizadas. Uma das pessoas entrevistadas ao falar sobre a mudança do papel da mulher e do homem na sociedade ressalta a forma como a sociedade se organiza, pautada na religião e afirma *“Antes tinha muito hipocrisia, o homem tinha a mulher pra casar e ter filho e a amante pra ter prazer, nunca os dois juntos e hoje a gente busca os dois.”* (Participante G)

Vamos avançar compreendendo sobre o impacto do amor romântico nos relacionamentos atuais. Os ideais do amor romântico - transmitidos pela primeira vez para grande massa por meio da literatura do gênero “romance” – que passaram a

exercer forte influência sobre a cultura ocidental na modernidade, a partir do final do século XVIII mais especificamente, têm papel fundamental para entendermos como ocorreram as transformações do lugar da mulher na sociedade e nos relacionamentos amorosos (GIDDENS, 1992).

O amor romântico surge no século XVIII e faz surgir a família nuclear burguesa com seus ideais. Resumidamente, pode-se afirmar que a ideia de amor romântico tem fortes vínculos com o casamento monogâmico e que só seria possível ser pensado sendo para sempre. No amor romântico os casais se escolhem porque se sentem emocionalmente envolvidos e buscam estabelecer uma relação duradoura com a construção de um projeto de futuro, com fidelidade e filhos consanguíneos. Um dos entrevistados, ao abrir sobre o primeiro casamento que terminou por uma traição afirma *“Quando eu me casei, case pensando que seria para sempre, né... A gente casa, talvez pensando que fosse para sempre” (sic participante F)*.

O amor romântico é um amor idealizado em que o outro está colocado na perspectiva de completar e, de preencher. Nesse modelo de casamento, a mulher está confinada a ele, porém, tem um papel extremamente ativo na construção da intimidade que irá fortalecer a os laços de conjugalidade. Nesse casamento, a mulher constrói sua identidade como mulher-esposa-mãe. A ideia e a reivindicação de que as pessoas só se casassem por amor e não mais por questões econômicas, fez com que maridos e esposas passassem a ser vistos como colaboradores da construção de um vínculo emocional (GIDDENS, 1992), e o “lar” ganha o aspecto de um lugar privilegiado emocionalmente, onde os homens - que até então passavam o dia trabalhando no meio público - poderiam esperar um certo apoio emocional de suas esposas (KEHL, 1998).

Até meados do século XX, as possibilidades de circulação e produção no espaço público eram muito restritas aos homens, sobrava às mulheres ler romances e construir fantasias que lhes fornecesse uma experiência emocional diversificada, em que o casamento e o amor conjugal selavam toda a sua realização pessoal como esposa, mãe e dona de casa. Dessa maneira, o casamento era visto pelas mulheres vitorianas, como algo desejável, que poderia, ou deveria, lhes oferecer todas as compensações pelas renúncias que lhes eram impostas de socialização, reconhecimento no espaço público, liberdade para estudar e etc (KEHL, 1998).

Essa diferenciação, de um espaço público dominado majoritariamente pelos homens e o espaço privado pelas mulheres, teve implicações profundas sobre a maternidade e a criação dos filhos, e separou ainda mais os papéis desempenhados pelos gêneros na modernidade – a mulher cuida da casa, dos filhos e do amor, e o homem cuida do sustento. O casamento, assim, não é “entre a mulher e o homem, mas entre a

mulher e o lar” (KEHL, 1998, p. 38), em que a feminilidade tem como função sustentar a virilidade do homem. Ou seja, “o amor romântico” era um amor “essencialmente feminilizado” (GIDDENS, 1992).

O amor romântico, contudo, permitiu às mulheres um certo domínio sobre a esfera da intimidade. Desde as novelas, livros e histórias românticas, as mulheres criaram laços com outras mulheres, pela igualdade pessoal e social, a fim de suavizar as frustrações de um casamento que era de responsabilidade apenas da mulher. Elas assim discutiram e discutem as relações desde muito antes da chegada de um tipo de relacionamento denominado por Giddens (1992) de *relacionamento puro*.

Um outro impacto dessa divisão entre os sexos, dessa vez sobre subjetividade masculina mas que tinha relação direta na postura das mulheres, foi a divisão feita pelos homens entre mulheres “puras” ou mulheres para casar, e as mulheres “impuras” ou mulheres para terem somente relações sexuais (Ibid, 1998). Tal divisão, além de empobrecer a vida amorosa de ambos os sexos, impunha às mulheres uma renúncia aos prazeres sexuais, pois se exercessem sua sexualidade poderiam perder o status de “mulher para casar”, e não conseguir realizar o ideal de complementaridade atribuído ao casamento e a maternidade, tão importantes para a identidade feminina do período vitoriano.

Porém, esses ideais do amor romântico não podem ser tomados apenas como um “enredo engendrado pelos homens contra as mulheres” (GIDDENS, 1992, p. 52), pois são exatamente esses ideais – que influenciam o pensamento ocidental até hoje – que propiciaram às mulheres um certo domínio sobre a intimidade, seus sentimentos, seus desejos e etc. pois eles presumem uma idealização do outro, como aquele que pode completar o indivíduo. Tal possibilidade de complementaridade, era algo a ser alcançada, uma busca ativa feita pelas mulheres para conquistar e enternecer o coração de um homem, para então construir uma narrativa biográfica mútua (Ibid, 1992).

Nesse sentido, o que definia a feminilidade e a identidade das mulheres que viveram de meados do século XVIII até o início do século XX era a conjugalidade e a maternidade. E a identidade masculina nesse processo?

Os homens, no processo de industrialização e domínio do espaço público, buscavam no trabalho e no reconhecimento público, ou melhor, no reconhecimento dos outros homens, construir sua identidade, e manter sob controle a imagem que gostariam de oferecer aos outros, no espaço público (KEHL, 1998). Tal circunstância, fez com que os homens em geral se excluíssem do desenvolvimento da intimidade (GIDDENS, 1992), e que buscassem na mulher que escolheram para esposa um certo tipo de apoio emocional, ou seja, enquanto a sexualidade feminina estava confinada ao casamento, os

homens conseguiram manter distância do “reino florescente da intimidade” e mantinham “a situação do casamento como um objetivo primário das mulheres” (Ibid, 1992, p.58), o que ressoa até hoje nos relacionamentos e nas dificuldades de mantê-los. É o que apresentou uma das entrevistadas ao relatar sobre um relacionamento aos 18 anos que caminhava para um casamento

Com uns 3 anos de namoro, a gente resolveu que ia casar. Eu comecei a fazer enxoval (...) das coisas que eu achei que deveria fazer, e ele não (...) um dia a mãe dele disse pra mim que eu devia fazer essas coisas porque eu era mulher, e ele era homem ele gastava as coisas como ele achava certo, que eu tinha mais condições de fazer algumas coisas que eu fizesse (sic participante F).

Como ocorreu o salto de uma sociedade que investia num ideal de amor romântico, do “para sempre”, da noção de complementaridade para uma sociedade “separada e divorciada” como afirma Giddens (1992), ou uma sociedade dos “relacionamentos descartáveis” como afirma Bauman (2003)?

A emergência da possibilidade de uma sexualidade plástica, separada da reprodução, a emancipação feminina e o advento das democracias participativas têm papel fundamental nesse processo (GIDDENS, 1992; ARAÚJO, 2002).

Para Bauman (2003) a definição de amor romântico como aquele que acaba só no encontro da morte, já não existe mais, e isso fez com que o padrão das expectativas para atingir o amor fosse reduzido. Como consequência, ao invés das pessoas atingirem esses padrões de amor, eles foram rebaixados a meros encontros sexuais, que agora passam a ser chamados de “fazer amor”. Bauman nos brinda com uma perspectiva nada otimista da contemporaneidade, na qual os laços sociais, amorosos e de lealdade se escoam como água entre os dedos.

2 SEXUALIDADE, AMOR E RELACIONAMENTO NA CONTEMPORANEIDADE

A origem da sexualidade plástica, uma forma de sexualidade descentralizada da reprodução, remonta à tendência de redução das famílias no final do século XVIII. Obviamente que é importante lembrar que no que diz respeito à sexualidade humana, seu objetivo nunca foi a reprodução. A sexualidade humana é voltada para a satisfação pulsional, como bem nos lembra Freud em seu clássico texto “Os Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade” [1905(1985)]. No entanto, na medida em que as relações sexuais derivaram ciclos contínuos de gravidez, parto e puerpério em função da inexistência de métodos contraceptivos, a sexualidade feminina principalmente, acabava “colada” a um ciclo reprodutivo.

Segundo Araújo (2002), houve uma preocupação com a desigualdade entre desenvolvimento econômico e desenvolvimento demográfico, e começou-se a propor, principalmente na Inglaterra pelo clérigo Malthus, uma redução na taxa de natalidade e uma ética do casamento voltada para o desejo de ascensão social e acúmulo de riquezas, uma ideologia tipicamente burguesa e de ascensão do capitalismo.

Acontece que, no século XX, com a revolução sexual e com o advento dos métodos contraceptivos a sexualidade se diferenciou completamente da reprodução, tornando-se uma “qualidade dos indivíduos e de suas relações mútuas” (GIDDENS, 1992, p.38). A separação da sexualidade da reprodução, fez com que as mulheres, que até então tinham o prazer sexual como um risco de gravidez sucessivas e de morte no parto, pudessem agora experimentar, pela primeira vez, o prazer sexual desvinculado de tais riscos (Ibid, 1992).

Essas mudanças no campo da sexualidade acarretaram profundas mudanças no estatuto do amor, dos relacionamentos e da intimidade dos sujeitos contemporâneos, tanto para as mulheres quanto para os homens. Giddens (1992) lança mão de dois conceitos sobre o amor e os relacionamentos para tentar dar conta do que ele entende ser a tendência dos mesmos assumirem na contemporaneidade. São eles o *amor confluyente e relacionamento puro*.

Segundo Giddens (1992), o amor na contemporaneidade tende a ser do tipo confluyente, um amor que difere do amor romântico pois presume igualdade na relação e no envolvimento emocional de cada parceiro. Esse tipo de amor floresce a partir de uma construção na parceria, em que o casal busca se ajudar nos pontos fracos e não mais se complementar, afastando assim a fantasia de completude que o casamento deveria proporcionar nos ideais do amor romântico. É possível perceber a partir da fala de um entrevistados a importância do envolvimento de ambos os lados no relacionamento:

Olha, eu acho que eu espero tipo a entrega assim, os dois estarem disposto a se relacionar de maneira igual, assim sabe. Então, por exemplo, sejam fiéis da mesma maneira que sejam companheiros da mesma maneira, que sejam é da mesma maneira eu digo, da mesma intensidade (sic participante C).

Uma outra característica fundamental do amor confluyente é que ele coloca a *ars erótica* como centro do relacionamento conjugal e “transforma a realização do prazer sexual recíproco em um elemento-chave na manutenção ou dissolução do relacionamento” (ARAÚJO, 2002), é como apresenta em um dos entrevistados ao falar sobre a importância realização e o desejo do sexo dentro do casamento “*Casamento não é só sexo, mas ele tem que existir pra relação durar. Nesse casamento (último casamento) não tinha sexo e por isso eventualmente houve traições*” (participante G). Sendo assim, o

amor confluyente também torna-se um ideal para a sociedade contemporânea, marcada pela busca da satisfação e realização pessoal e sexual (GIDDENS, 1992), mas difere do amor romântico pois não é um amor necessariamente monogâmico e heterossexual (ARAÚJO, 2002).

A tendência dos relacionamentos amorosos contemporâneos é, segundo Giddens (1992), tornarem-se cada vez mais negociados no sentido democrático que o meio público veio a assumir, onde homens e mulheres têm os mesmos direitos de negociar os termos da relação e as mesmas condições subjetivas e, se possível objetivas, de estabelecerem as regras do jogo. É como apresenta outra participante ao falar sobre a importância da conversa, para além do sexo

tu tem que ter conversa, porque quando tu parar de fazer sexo, a conversa tem que existir né, relacionamento não é só sexo. É bom? É! Mas não é só sexo, se não tem afinidade, se não tem conversa, se a pessoa não te faz rir, se tu não pode contar contar as coisas (...) (sic participante F).

A isso ele chama de *relacionamento puro*. Papéis de gênero muito marcados e estanques parecem dificultar sua ocorrência, conforme mostra a participante C “*Eu acho que tem muito homem que ainda acha que tem que ser o alfa, provedor, o racional do negócio, e isso incomoda bastante acho o relacionamento em geral*” (sic participante C). O que é complementado pela fala do Participante B:

Eu acho que quando você restringe características além das físicas para homem e mulher, você acaba caindo no padrão social. Que daí você tem um problema, porque você acaba seguindo as normas sociais, porque ela é mulher é assim assim assim, e o homem assim assim assado. E fazer coisas diferentes tá errado. Então, quando você passa a atribuir papéis a homens e mulheres você cai na questão do padrão social, que para mim que no meu ver, é super ruim para os relacionamentos (sic participante B).

De acordo com Giddens (1992) o relacionamento puro é aquele que se inicia e se mantém tão somente pelo desejo dos parceiros envolvidos, expresso de forma muito clara por uma das entrevistadas ao falar sobre o atual relacionamento “*Enquanto tá bom vai durar, e se não estiver bom, não vai durar mais*” (sic participante F). O relacionamento puro descarta obrigatoriedades financeiras ou quaisquer outras razões para sua existência. Ele não necessariamente envolve o casamento e é centrado na intimidade e na satisfação individual que cada membro pode obter da relação. Ao questionarmos os participantes da pesquisa sobre o que os mantém no relacionamento, obtivemos as seguintes respostas:

A vontade de tá junto eu acho. Prazer! Companhia, companheirismo, amizade! Ter com quem conversar, esquentar os pés de noite, companhia pra assistir um seriado (Sic participante H).

Se você tá numa relação você não é mãe, nem analista, nem é... professora... você é companheira, e é difícil as pessoas terem noção do que é uma relação de companhia. De companheirismo (sic participante A).

A relação sempre é em duas vias. Se é uma via única, por exemplo, como era minha relação com X, ela é fadada ao fracasso (sic participante A).

Esse modelo de relacionamento, pode ser terminado a qualquer momento, por qualquer um dos parceiros, e a continuidade da relação depende do nível de satisfação pessoal e sexual que cada membro da mesma pode extrair. Sobre isso, dois participantes disseram:

Mas o que eu acho interessante hoje, é que se a mulher não tiver plenamente satisfeita, ela consegue se divorciar, né? 'Não, deu errado, não era esse cara, sei lá, antes ela não podia fazer isso, hoje ela pode, né?' Então você pode ter uma vida plena, ou você pode escolher (sic participante H).

Mas eu sempre emendo uma relação na outra. Eu sou super a favor do casamento...E do divórcio. (sic participante A).

Ao mesmo tempo, e paradoxalmente, a continuidade da relação depende também da possibilidade de compromisso duradouro, mas “qualquer um que se comprometa sem reservas arrisca-se a um grande sofrimento no futuro” caso a relação se dissolva (GIDDENS, 1992, p. 152). Nesse ponto, destaca-se a confiança como fator fundamental para os relacionamentos contemporâneos podendo ser a fim dele, conforme a entrevista F nos apresentou sobre o fim do seu casamento por conta de uma traição,

Eu tive a experiências dos meus pais, de terem relacionamento de traição. Meu pai em relação a minha mãe. Minha mãe continuou casada, e aquilo nunca... cicatrizou então tinha sempre “se um dia eu for traída, eu não terei o mesmo comportamento da minha mãe, mesma atitude da minha mãe”...E daí quanto eu experiencie o que aconteceu, eu não quis fazer o teste de se eu ia mesmo aceitar aquilo ou não, pra mim estava decidido que não. Dai nos separamos. E depois eu fui refletir sobre isso. A confiança acaba (Sic Participante F).

A confiança é diferente da crença, pois a confiança só existe em uma relação de risco e em que o sujeito deve estar consciente deste, se o sujeito não consegue prever riscos ou considerá-los, ele está numa posição de crença (GIDDENS, 1992).

Comumente a ruína desse tipo de relacionamento (o puro) vem do fracasso na comunicação, por vezes de um aparente respeito pelo outro que na verdade diz de uma possessividade de manter e aceitar tudo em prol do amor do outro, é como expôs um entrevistado ao falar sobre o término dos seus relacionamentos

Eu me esforço muito para fazer o relacionamento dar certo, eu cuido dele para que ele se mantenha (...) às vezes não falo algumas coisas ou aceito outras para cuidar

dessa relação. Agora quando acaba, eu não tenho mais que tentar manter ele (o relacionamento), não tenho a preocupação, então eu falo o que preciso falar... não é vingança, mas como não tenho mais porque cuidar desse relacionamento, se ele já acabou, eu vou abrir tudo... Talvez eu devesse fazer mais isso durante o relacionamento (Sic Participante G).

Discutir a relação é também abrandar o medo da dissolução do relacionamento, mantendo-se sempre junto, sendo parte do amante, como a outra metade ou a cópia fiel um do outro (BAUMAN, 2003). Sobre a importância da boa comunicação, uma das participantes nos apresenta que *“a comunicação é uma das coisas que acredito que é primordial em qualquer tipo de relacionamento, seja ele amoroso ou não” (sic participante D).*

Enquanto para Giddens (1992) esse modo de relação é muito mais igualitária e verdadeira, para Bauman (2003) representaria uma derivação da sociedade de mercado e portanto, assumiria fortes aspectos de descartabilidade.

A ideia de assumir os riscos do relacionamento, é tratada por Bauman (2003) como um tipo de relação baseada na sociedade de mercado do mundo das ações, onde se investe tempo, dinheiro e energia, esperando que o mercado dê lucro. Nesse tipo de relação, mediante o risco de que em algum momento surja a ideia de ter feito um mau investimento, rapidamente se reavalia o investimento e retira-se o capital, digamos assim, para se investir em outros negócios mais lucrativos. De acordo com (BAUMAN, 2003, p. 29), *“se você investe numa relação, o lucro esperado é, em primeiro lugar e acima de tudo a segurança”*, mas como relacionamentos são *“investimentos como quaisquer outros”* (Ibid, p.30) o que não se tem é a segurança do investimento, as ações valorizam e desvalorizam a todo momento, o acionista tem que assumir o risco e é confrontado a todo momento com a insegurança. *“A primeira coisa que os bons acionistas fazem de manhã é abrir os jornais nas páginas sobre mercado de capitais para saber se é hora de manter suas ações ou desfazer-se delas”* (BAUMAN, 2003 P. 29).

Porém, um relacionamento exige mais do que investir em ações, pois ninguém irá avaliar se será um sucesso ou não, cabe ao indivíduo avaliar. Estar em um relacionamento é então ter a incerteza e insegurança de ter feito a coisa certa. Pode-se ilustrar esse tipo avaliação e de términos de relações a partir da fala do participante D, que diz: *“Eu terminei nos cinco relacionamentos anteriores (...) realmente porque eu via falta de interesse no relacionamento, então vi que não era pra mim aquilo aí eu quis terminar.”* (Participante D).

O amor, para Bauman (2003) é algo que não se pode aprender, assim como não se pode aprender a morrer, ao mesmo tempo em que é impossível evitar passar por eles. Contudo, em uma sociedade consumista e imediatista, o prazer passageiro e a satisfação são instantâneos, como uma espécie de promessa enganosa de aprender a arte de amar

e de “construir a experiência amorosa à semelhança de outras mercadorias” (p. 22). A metáfora do “amor líquido” serve para designar esse tipo de amor e relacionamento que a sociedade de mercado tem propiciado, que, assim como os objetos de consumo se tornam obsoletos, os amores e relacionamentos seguem o mesmo padrão, e os envolvidos devem estar preparados para sair incólumes da relação que termina.

Outro aspecto a ser considerado sobre as relações na contemporaneidade, é a mediação feita pela tecnologia, a qual nos foi apresentada por meio do relato de um dos entrevistados sobre os relacionamentos atuais *“Eu uso aplicativo para encontrar pessoas (...) mas às vezes as pessoas não querem sair do virtual, elas querem ficar só ali naquela relação virtual, se for assim eu falo com uma inteligência artificial”* (Participante G). Na famigerada revolução digital, *“a proximidade não exige mais a contiguidade física; e a contiguidade física não determina mais a proximidade”* (BAUMAN, 2003, p. 83). Dessa maneira, o que fascina mais nas relações mediadas pela tecnologia digital: a facilidade de se conectar ao outro? Ou a de cortar a conexão? A facilidade de desconectar-se parece, na contemporaneidade, mais importante e urgente do que a facilidade em conectar-se e, a proximidade virtual acaba por tornar *“as conexões humanas mais frequentes e mais banais, mais intensas e mais breves”* de maneira que *“os contatos exigem menos tempo e esforço para serem estabelecidos, e também para serem rompidos”* (Ibid, 2003, p. 83).

Destarte a conexão virtual torna-se menos custosa do que se engajar na manutenção de um vínculo, de maneira que, as relações de proximidade não virtual tendem a assumir as características das virtuais ou, mais ainda, tendem a trocar de lugar com a realidade topográfica causando uma certa inabilidade para o encontro e relacionamento não virtual.

Em vista disso, pode-se afirmar que os relacionamentos contemporâneos inclinam-se a ser mais democráticos e negociáveis entre os gêneros, onde cada um deve buscar sua satisfação pessoal e sexual na relação, ao mesmo tempo em que deve estar atento aos riscos em se dedicar demasiadamente em um relacionamento.

Em relação a entrega em demasia o participante C expõe:

“O último relacionamento ele volta e meia dava algumas digamos algumas brigas e a gente ficava numa boa. Só que no final aconteceu exatamente isso, eu acho quetava muito envolvido, a pessoa nem tanto. E a gente parou de ter um diálogo. A gente sempre teve um diálogo muito forte, e a gente parou de conversar. E quando a gente parou de conversar, começou a não dar certo” (sic Participante C).

Para Bauman (2003), a sexualidade está cada vez mais afastada da procriação e cada vez mais próxima dos impulsos do desejo de consumir, além de assumir um aspecto de fundamentalidade para a criação e manutenção dos vínculos amorosos. Tais vínculos, podem ser terminados mais ou menos ao bel-prazer de cada membro da relação, e estão cada vez mais mediados pela tecnologia digital, e cada vez mais assumindo características de “conectar-se” e “desconectar-se” cada vez mais rápido, tornando os relacionamentos pouco duradouros.

Mas será que existem aspectos que residem ao longo do tempo? A Psicanálise pode nos ajudar a compreender algumas questões que são, de certa forma, estruturais das relações amorosas.

3 PSICANÁLISE, DESEJO, AMOR E RELACIONAMENTOS

Para retomar a construção do que a psicanálise entende por ‘desejo’, seria necessário remontar ao um longínquo estado infantil, de uma primeira experiência de satisfação e a busca contínua, no decorrer da vida de cada sujeito, desse objeto perdido da satisfação. Dessa maneira, cabe à esse estudo, propor de forma genérica o que é o desejo para psicanálise e como essa compreensão pode nos auxiliar no entendimento das relações amorosas na contemporaneidade.

O desejo para a psicanálise é fundado numa perda, e portanto numa falta estrutural do objeto de satisfação; como não há objeto pois “é por sua natureza que o objeto é perdido como tal” (LACAN, 1959/1960, p.68), o que se busca é reencontrá-lo, sem nunca encontrá-lo, pois ele está sempre em outro lugar. Ou seja, o ser humano é marcado por uma falta, que o impele a buscar algo que o complete, mas toda vez que encontra um objeto, percebe que não era exatamente esse. Pode-se perceber esse modo de funcionamento do desejo na fala da participante G: *“Agora eu fico com relacionamento casuais, as vezes sai por uma semana, um mês, mas eventualmente aparece outra pessoa, ou ele acha outra pessoas e acaba”* (sic participante G).

Segundo Kuss (2015, p. 24) “o desejo é efeito de uma falta” de uma falta que é insuperável e “marca da incompletude”. Por isso, o desejo é sempre metonímico e desliza “sobre objetos substitutos, encontra o vazio de objeto em objeto, jamais se satisfazendo”. Dessa maneira, busca-se a completude mítica através de um objeto, mas a cada vez que se encontra um objeto, percebe-se que “não era bem isso”.

Ora, se é assim, se o desejo é sempre insatisfeito e sempre busca se satisfazer, de objeto em objeto – de parceira(o) em parceira(o) – cabe a pergunta: como então as relações se mantêm? Segundo Kuss (2015) o amor seria uma tentativa de resposta ao desejo. Jorge (2010), fala da fantasia de completude veiculada pelo desejo, e que a fantasia de completude (neurótica) é sempre de completude amorosa. Ou seja, o amor é a tentativa de fazer frente a essa falta que causa o desejo. Cabe então outra pergunta: é possível desejar o que já se tem? Desde Freud (1910), sabe-se que as correntes sensuais e afetivas (amor e desejo), em maior ou menor grau, não se fundem plenamente, de maneira que há um desencontro entre o amor e o desejo. É possível perceber essa tendência, ainda atualmente, no que se refere às atividades sexuais nas relações estáveis e nas relações casuais, ao que diz a Participante A:

“Quando você tá na biscatagem, na pegação total, a sua vida sexual acaba sendo muito mais plural, ativa, viva. Eu acho que as relações estáveis, elas tendem a ‘mornar’, com relação ao sexo” (sic participante A).

Dessa maneira, percebe-se que há aspectos culturais e sociais que impactam os modos de relação, ao mesmo tempo em que há determinados aspectos estruturais que determinam a forma de amar e desejar. Tendo em vista a teoria psicanalítica do desejo, é possível afirmar que a contemporaneidade, com os modos de relação da sexualidade plástica, relacionamento puro e líquido, favorece a emergência do desejo enquanto tal, que se desloca de objeto em objeto sem nunca se satisfazer. Enquanto no período do amor romântico (moderno), exigia-se das relações que elas fossem para sempre, atualmente há maiores liberdades para que o desejo siga seu curso de deslocamento. Relacionado ao desejo, o participante B apresenta: *“...acho que a partir do momento que você tem vontade, você tem que fazer. Ponto final” (Sic Participante B).*

No que se refere ao amor, pode-se afirmar que as narrativas dos indivíduos/ sujeitos contemporâneos precisam inventar para dar conta do desejo e manter relações mais duradouras, tendem a ser mais elaboradas devido às possibilidades de “conectar e desconectar”, postas à baila pelo mundo líquido moderno (BAUMAN, 2003). Sem esquecer as relações de gênero, no período de maior vigência do amor romântico, como vimos, a construção de narrativas sobre o amor e a felicidade conjugal eram tarefas realizadas majoritariamente pelas mulheres, enquanto que na contemporaneidade, homens e mulheres são responsáveis pela manutenção e construção de narrativas amorosas que mantenham as relações; o que demanda uma implicação subjetiva de todos os sujeitos contemporâneos que buscam relações mais longas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, buscou-se compreender as mudanças ocorridas nos laços afetivos desde o período dito moderno, até a contemporaneidade. Desta forma, percebe-se que os relacionamentos são fluídos e negociáveis comparados com os casamentos de até meados do século XX. Foi possível compreender a partir das falas dos entrevistados, que as possibilidades de relacionamentos múltiplos, de divórcios, separações e fluidez são sentidas como algo positivo das relações na contemporaneidade pois considera-se como importante o interesse e satisfação de todos na relação. No que se refere às dificuldades de manter as relações, o aspecto mais importante é a comunicação, onde a construção em conjunto de uma narrativa amorosa, que dê algum suporte para a relação no futuro é fundamental para a manutenção de vínculos mais a longo prazo.

Tendo em vista a vastidão e a importância do tema investigado, faz-se necessário apontar as limitações deste estudo, tais como: o pequeno número de entrevistados, onde não é possível fazer generalizações; a considerável diferença de idade entre os participantes que também não permite universalizar no que se refere as gerações e as mudanças, bem como, as questões de gênero que não foram abordadas de maneira ampla neste estudo. Porém, considera-se que este estudo ilustra e contribui para a compreensão das formas de relacionamento na contemporaneidade e demonstra como essas transformações são percebidas pelos indivíduos bem como, os aspectos que eles consideram importantes para a manutenção das relações frente ao mundo contemporâneo.

REFERÊNCIAS

- ALONSO, S. L.; FUKS, M. P. A construção da masculinidade e a histeria nos homens na contemporaneidade. In: AMBRA, P. E. S.; SILVA JR., N. **Histeria e gênero**. São Paulo: Versos, 2014.
- ARAUJO, M. de F. Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 22, n. 2, p. 70-77, jun. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932002000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 jun. 2019.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro, Zahar, 2003.
- CAMARA, R. H. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. **Gerais**: Revista Interinstitucional de Psicologia, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 179-191, jul. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202013000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29 jul. 2019.
- FREUD, S. (1905). **Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- _____. (1912). **Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor**: contribuições para psicologia do amor II. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T (Org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.
- GIDDENS, A. **As transformações da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: UNESP, 1992.
- JORGE, M. A. C. **Fundamentos da psicanálise de Freud à Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. v. 2: a clínica da fantasia.
- KUSS, A. S. S. **Amor, desejo e psicanálise**. Curitiba: Juruá, 2015.
- KEHL, M. R. **Deslocamentos do feminino**: a mulher freudiana na passagem para a modernidade. Rio de Janeiro: Imago, 1998.
- LACAN, J. **O seminário**: livro 7 – a ética da psicanálise, 1959-1960. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.